



O SUICÍDIO SOB A ÓTICA ONTOLÓGICA EXISTENCIAL SARTREANA

Matheus Mainardes de Oliveira da Silva¹

Alexandro Klosowski²

Marcos Vinicius Barszcz³

Resumo: *O presente resumo expandido intenta desvelar questões relacionadas ao suicídio, a partir da utilização de elementos constitutivos do existencialismo ontológico sartreano. De abordagem qualitativa exploratória, o texto tenciona abordar a angústia como determinante no ato de retirada da própria vida quando passa a culminar no desespero e, conseqüentemente, nas psicopatologias.*

Palavras-chave: Existencialismo. Sartre. Suicídio. Ontologia.

Introdução

O suicídio é um gravíssimo problema social do mundo hodierno, que descortina o mal estar geral presente no mundo. Diante de tal afirmativa surge a perspectiva da ontologia existencial sartreana, que exalta a liberdade do homem como um ser que se constrói continua e ininterruptamente a partir do seu poder inerente, que é também a sua condenação.

Objetivos

Apresentar uma visão ontológica existencial do suicídio enquanto privação voluntária da consciência.

Metodologia

Trata-se de um estudo de caráter exploratório e qualitativo, possibilitado pelo acesso ao *magnum opus* sartreano, O ser e o nada.

Resultados parciais e discussão

Problema de âmbito mundial, o suicídio vem ganhando força na sociedade moderna, denunciando as deficiências presentes no mundo, que vão desde o ensino até a cultura. O ato de tirar a própria vida surge como resolução extrema para o enfrentamento da realidade, sendo, portanto, a consumação do sofrimento. Tal ato de atentado contra a própria vida é, a despeito das políticas de informação, um tabu, sendo recriminado culturalmente, apoiado sobretudo nos preceitos religiosos e no próprio preconceito. Ora, a vida é, segundo pressupostos socialmente adotados, um presente,

¹Matheus Mainardes de Oliveira da Silva;
Acadêmico de Graduação em Bacharelado em Psicologia, Faculdade Santana.

²Alexandro Klosowski;
Acadêmico de Graduação em Bacharelado em Psicologia, Faculdade Santana.

³ Prof. Or. Ms. Marcos V. Barszcz;
Docente do Curso de Graduação em Bacharelado em Psicologia, Faculdade Santana.

e a sua rejeição, arquitetada pelo suicídio, um crime hediondo diante dos mandamentos religiosos, configurando-se, destarte, como um crime.

Além do conhecimento religioso, cabe notar a visão que se tem culturalmente sobre a morte, de pavor. Isso se deve pela natureza consciente do ser, que se constrói continuamente, ou seja, cuja “existência precede a essência”, de forma que o inexistir, isto é, o Nada, desperta aflição. Portanto, o ente que tira a própria vida acaba sendo incompreendido e julgado por destoar, em sentido de motivação, no enfrentamento da realidade. “Se a morte é angustiante, e se, em decorrência, podemos escapar da angústia ou arrojá-los a ela resolutamente, é um truísmo dizer que isso ocorre porque temos apego à vida” (SARTRE, 2007, p. 409-410). O ser conivente com ser-para-si não horizontaliza ser-em-si, de forma a julgar o suicida, que voluntariamente passa para em-si. Para tal, o suicida se ampara em sua liberdade intrínseca, que lhe permite “se retirar do mundo pleno do qual é consciência e abandonar o terreno do ser para abordar francamente o não-ser” (SARTRE, 2007, p. 332).

O homem, enquanto “condenado a ser livre” (SARTRE, 2007, p. 335), se constrói continuamente, ou seja, é para-si, empreendendo ações sempre e enquanto durar sua vida. Quando se depara com a angústia e é a partir dela e de fatores outros acometido pelo desejo de não-ser-para-si, lança mão justamente de sua liberdade no atentado contra si mesmo, tencionando cessar a consciência demasiado aflita. “A liberdade é precisamente o nada que é tendo sido no âmago do homem e obriga a realidade humana a fazer-se em vez de ser” (SARTRE, 2007, p. 336). Ou seja, o homem, na depressão que lhe acomete, antes vê a morte que a melhora psicológica como horizonte para resolução de seu sofrimento e, por isso, acata no ser-em-si adiantadamente, tão limitada lhe parece sua liberdade, a ele ofuscada pela angústia acerbada.

Cabe ressaltar que a angústia, em Sartre, é inerente à “consciência de ser meu próprio devir à maneira de não sê-lo” (SARTRE, 2007, p. 43). Isto é, o ser, enquanto arquiteto eterno de si mesmo, há de enfrentar a angústia, como reflexo da liberdade que ela é. Ora, a ausência da angústia somente seria possível em casos de ausência de consciência, ou seja, ao ser-em-si. O enfrentamento da angústia, entretanto, é o que determina os caminhos trilhados pelo ser, que pode desde recorrer à má-fé até através de má-fé tirar a própria vida. O suicídio, então, consiste precisamente na lacuna de enfrentamento ou aceitação da liberdade e da angústia. Ora, se o ser é livre, “nada me constrange a salvar minha vida, nada me impede de jogar-me no abismo” (SARTRE, 2007, p. 43).

Considerações finais

Sucedem que o ser, enquanto lançado no mundo, é “condenado a ser livre” (SARTRE, 2007, p. 335), se construindo continuamente a depender diretamente do modo com que ele lida com sua liberdade e com a angústia dela advinda. Quando a angústia sobrepõe o leque infinito que a liberdade proporciona ao ser, ele pode vir recorrer ao suicídio, voluntariamente se tornando em-si, sem, no entanto, descartar, no ato suicida, a liberdade de que lançou mão. “O suicídio, com efeito, é escolha e afirmação – afirmação de ser” (SARTRE, 2007, p.359). Convém ressaltar que o suicida, apesar de sua inclinação, é livre, não podendo ser tomado, entretanto, como um em-si-suicida, posto ter, durante sua experiência, fatores inúmeros que lhe levassem ao ato derradeiro, que lhe inclinaram sobremaneira para as paixões e/ou para o sofrimento. O suicida é,

¹Matheus Mainardes de Oliveira da Silva;
Acadêmico de Graduação em Bacharelado em Psicologia, Faculdade Santana.

²Alexandro Klosowski;
Acadêmico de Graduação em Bacharelado em Psicologia, Faculdade Santana.

³ Prof. Or. Ms. Marcos V. Barszcz;
Docente do Curso de Graduação em Bacharelado em Psicologia, Faculdade Santana.

como todo para-si, livre, destoando, entretanto, em horizonte de escolhas, posto ter a consciência turvada por emoções (ou pela falta delas) insalubres.

Referências

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada** – Ensaio de fenomenologia ontológica. 5ª edição. Tradução de Paulo Perdigoão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007

¹Matheus Mainardes de Oliveira da Silva;
Acadêmico de Graduação em Bacharelado em Psicologia, Faculdade Santana.

²Alexandro Klosowski;
Acadêmico de Graduação em Bacharelado em Psicologia, Faculdade Santana.

³ Prof. Or. Ms. Marcos V. Barszcz;
Docente do Curso de Graduação em Bacharelado em Psicologia, Faculdade Santana.